

Alta expectativa

Desejam tudo para os filhos, por isso querem que estes sejam os melhores. Há pais que exigem em vez de pedir, que pressionam chamando-lhe ajudar. E há miúdos que não aguentam. TEXTOS DE MAFALDA GANHÃO

“Nem que se esfole, ela vai ter as melhores notas da turma! E ser professora, como eu gostava de ter sido”


No dia em que marcou dois golos no mesmo jogo, Miguel saiu do balneário eufórico e foi ter com o pai que o esperava na bancada. “Viste? O guarda-redes nem teve hipóteses...” Lembra-se de o pai ter encolhido os ombros, sem mostrar grande entusiasmo. “Sabe o que me respondeu? ‘Ora, falhaste pelo menos três remates de baliza aberta.’”

Há pais assim, para quem não chega ser bom, é preciso ser o melhor, para quem o segundo lugar é apenas chegar depois do primeiro. Ou, simplesmente, para quem é muito difícil fazer um elogio, não vá o filho pensar ter já alcançado o suficiente. A pressão familiar tem muitas formas e nem todas são evidentes. “Há pequenos comentários, que ditos de forma persistente e, sobretudo, quando estão em causa miúdos com o ego mais frágil, são formas terríveis de pressionar... sejam eles sobre a escola ou sobre a maneira de vestir”, revela Marta Gautier, psicóloga clínica especializada em competências parentais. O que não deixa margem para dúvidas são os

efeitos dessa pressão, não raras vezes a principal origem de stresse e ansiedade juvenis.

Estranha forma de amar. Os pais querem o melhor para os filhos e a preocupação com o seu futuro justifica quase tudo. Dizem que é preciso torná-los fortes, para lutar, preparados para resistir e dar-lhes um curso superior, para triunfarem na vida. Hoje já adulto e ele próprio com filhos pequenos, Miguel vê na atitude do pai em relação ao seu desempenho desportivo também um sinal dos tempos: “Para uma determinada geração os rapazes tinham de ser educados como futuros chefes de família e, para se fazerem ‘homens’, havia que os endurecer. A pressão foi sempre menor em relação à minha irmã, por exemplo.”

Atualmente, “numa sociedade que valoriza o desenvolvimento educacional e profissional em detrimento do desenvolvimento emocional”, conforme considera a psicóloga Maria João Santos, “quase tudo passou a estar focado na escola”. “Têm boas notas? Então está tudo bem, pensam os progenitores, esquecendo todas as outras dimensões daquela criança.” Não que a autora do livro “Os Pais



**"O meu filho
vai ser campeão.
Ah, se vai!
Que orgulho!"**

**"Amanhã
tenho de ganhar
coragem para dizer
que só tive 'satisfaz'
a Português..."**

**"Tou
farto disto!
Só queria desistir
do futebol..."**

Têm Sempre Razão" defende a existência de uma fórmula certa para educar. Nesta tarefa de criar um filho, regras absolutas não há, garante, e recomendável mesmo "é que cada família encontre o seu modelo, adequando-o à criança que tem em casa e precisa conhecer".

Ao contrário da teoria, na prática não é fácil distinguir entre um pai preocupado e responsável e um pai demasiado exigente. Nem todos têm a frontalidade de Amy Chua, a chinesa residente nos EUA que recentemente fez arrepiar muitos pedagogos e encarregados de educação quando decidiu revelar, em livro ("Battle Hymn of the Tiger Mom"), a forma como educara as duas filhas, seguindo o modelo tradicional do seu país. Professora de Direito na Universidade de Yale, Amy (considerada pela "Time" uma das 100 personalidades mais influentes de 2011) confessou que chegou a rejeitar um cartão de aniversário feito pela filha de sete anos, argumentando que merecia melhor. Com pulso firme e disciplina sem contemplações, assim cresceram as irmãs, habituadas a ter de apresentar notas excelentes e a serem obrigadas a tocar piano e violino sem pausas sequer para comer ou ir à casa de banho, sem ordem nunca para poderem dormir em casa de amigos ou receberem colegas para brincar. É preciso dizer que Sophia, a filha mais velha desta autêntica "mãe tigre", como Amy Chua ficou conhecida, chegou



FRANK BONKOWSKI; FOTOS INTERNACIONAL/GETTY IMAGES

Michael Jackson

Chegou a rei da pop, mas não nasceu como príncipe. O sétimo dos nove filhos do casal Joseph e Katherine Jackson, cresceu marcado pela figura austera do pai, cujo modelo de educação se traduzia em agressões continuadas e terror psicológico. Por imposição sua, as crianças eram mantidas trancadas dentro de casa enquanto ele trabalhava até tarde para, a custo, manter a família. Os castigos duraram até ao dia em que se apercebeu do talento natural dos miúdos para a música e resolveu ganhar dinheiro com isso. O resto é sabido: o contrato com a Motown, o sucesso dos Jackson 5, a glória a solo. Mas já adulto, Michael desabafou as mágoas da juventude e o medo. O pai supervisionava os ensaios dos filhos com o cinto na mão: "Chegava a vomitar só de o ver".

Filhos famosos, pais tiranos

Tiveram carreiras de sucesso, mas não vida fácil. Oito casos de figuras empurradas pelos pais — ambiciosos e exigentes — para vidas precoces de adulto



GENERAL PHOTOGRAPHIC AGENCY/GETTY IMAGES

Autêntica menina-prodígio, Frances Ethel Gumm — o nome artístico chegou anos mais tarde — estreou-se com apenas dois anos no palco do teatro do pai em Gran Rapids, Minnesota. Cantou com tal sucesso o "Jingle Bells" que teve de ser, literalmente, retirada de cena para escapar ao entusiasmo do público. Haveria de atuar anos a fio com novos números, todas as noites ao lado das duas irmãs mais velhas, mas aos pais não passou despercebido o talento especial de "Baby" Frances. A par de um percurso acidentado, que muitas vezes obrigou a família a mudar de terra por causa dos rumores de homossexualidade do pai, a obstinação da mãe em fazer da filha mais nova uma estrela conseguiu abrir as portas do cinema à adolescente. Seguiu-se o estrelato e uma vida, curta, sustentada a comprimidos: Judy Garland morreu de overdose acidental de barbitúricos em 1969, aos 47 anos.

Judy Garland



TIME & LIFE PICTURES/GETTY IMAGES

Brooke Shields

A filha nunca se queixou. Nunca, nem mesmo a propósito de qualquer das muitas polémicas que envolveram Teri Shields. "Divirto-me muito em tudo o que faço", dizia a jovem Brooke quando apertavam as críticas denunciando o pulso de ferro com que Teri dirigia a sua carreira. A mãe tornou-a pública aos 11 meses, como a cara do sabonete Ivory, para a lançar nos desfiles aos 3 e embolsar algum dinheiro ao permitir que fosse fotografada nua por Gary Gross, numa banheira, aos 10 (mãe e fotógrafo travaram depois uma batalha judicial pelos direitos das fotos). Tinha 12 quando no cinema deu corpo a uma prostituta em "Pretty Baby", papel que voltou a colocar a mãe debaixo de fogo, exatamente por chocar, como chocou a campanha "demasiado erótica" realizada para a Calvin Klein, em 1980. Hoje com Alzheimer, Teri vive no passado, lamenta a filha. Mas já não fatura com ele



Venus e Serena Williams

Não se pode elogiar a carreira das manas Williams (ainda no ativo) sem, pelo menos,

reconhecer a tenacidade do pai, seu *manager*, treinador, o seu construtor. Aparentemente, **Serena e Venus não escolheram ser atletas... foram escolhidas para se tornarem campeãs.** Apaixonado pelo tênis, mas sem nada perceber da modalidade, quando decidiu fazer das filhas as melhores entre as melhores, Richard Williams comprou vídeos de instrução, aprendeu a jogar sozinho e desenvolveu o seu próprio método — pouco ortodoxo — mas que provou dar resultados. Conta-se que usava bolas de tênis usadas por ter percebido que as bolas novas cheias obrigavam as filhas a ser mais rápidas e que as rodeava de cartazes com frases motivadoras durante os treinos.



PÍCTOS ON SPORT/GETTY IMAGES

Martina Hingis

Sente ter nascido num *court* de tênis e não é para menos. Filha única de um entusiasta e de uma praticante da modalidade, o pai, eslovaco, e a mãe, checa, acreditavam na vocação de Martina (o nome homenageia a Navratilova) antes mesmo de ela ter nascido. **Para o caso de haver engano, empenharam-se em 'moldar-lhe' a vocação.** Aos dois anos, munida com uma raquete especial, adaptada ao tamanho da mão, Martina já dava nas vistas. Aos seis, somava 80 vitórias em partidas oficiais. Chegou a ganhar jogando só com a mão esquerda, por ter um dedo partido na direita. Tinha sete anos. Treinada pela mãe, nenhuma outra atleta acumulou tantos feitos como "a mais nova de sempre". Retirou-se em 2007, na sequência de um teste *antidoping* que acusou cocaína.



BEN CALESKY/WIREIMAGE

Macaulay Culkin

A história já foi contada pelo seu próprio punho, numa autobiografia em que Macaulay Culkin culpa o pai por quase tudo o que de mau lhe veio a acontecer. Como ator de teatro falhado, revelou o protagonista de "Sozinho em Casa", o pai quis transformá-lo na estrela que não conseguira ser e orientou a vida da família nesse sentido. Podia ser um educador dedicado, mas **não hesitava na hora de lhe exigir que estivesse à altura do objetivo que traçara.** No livro, Culkin recorda um dia de estrela em que se assustou com o aparato de fotografos e fugiu: "O meu pai obrigou-me a regressar à passadeira vermelha, a posar e a sorrir para as câmaras". Em 1994, quando a proximidade da adolescência o fez perder a graça segundo os rígidos padrões da indústria, os pais entretiveram-se a disputar na justiça a sua fortuna. Ambos perderam.



JON KOPALOFF/POLAROID

Miley Cyrus

Protagoniza um dos mais recentes casos de 'menina-estrela que cresce e passa a dar problemas'. Porque até fazer 18 anos, a filha do cantor country Billy Ray Cyrus foi conseguindo manter-se, apenas, como a talentosa e mais popular estrela da Disney, um megacaso de sucesso na série "Hannah Montana". Neste caso, as coisas quase se passam ao contrário. **Foi o pai quem recentemente se mostrou arrependido pela entrada de "Hannah" na vida da família.** Preocupado com o futuro da filha — a relação entre ambos tem estado muito estremecida, desde que Miley foi fotografada a fumar droga e parece empenhada em recuperar o tempo que desperdiçou encerrada nos estúdios de TV — lamenta agora a fama precoce e já teve o casamento por um fio. Esquece-se que a incentivou?

recentemente à mais prestigiada das Universidades, Harvard, mas cada um julgará por si.

A João Silvestre este modelo oriental parece "claramente exagerado", embora reconheça na disciplina uma das suas principais filosofias educativas. Pai de dois rapazes — com 11 e 14 anos — admite que é exigente. "Acho que devo sê-lo. Se me trazem um 'Satisfaz Bem', se calhar fico mais preocupado em perceber porque não tiveram uma nota ainda melhor. O importante é chamar-lhes a atenção para o que podem melhorar". Como muitos outros pais e mães em relação ao seus filhos, João sente ter "a obrigação de não os enganar". "Todos vemos que hoje nem para quem é bom há lugar... Eu não lhes digo que têm de ser os melhores, mas o meu papel é zelar para que estejam pelo menos nesse grupo se querem ter mais hipóteses de escolha e maior chance de serem bem sucedidos."

Fernando Glória, professor de educação musical desde 1991, habituou-se a reconhecer em alguns encarregados de educação outra dificuldade — a de aceitarem as limitações dos filhos. Embora ao longo dos anos reconheça ter de lidar mais frequentemente com as consequências da desresponsabilização dos pais e sintá a cada vez maior ausência de regras nos miúdos — "muitos ouvem a palavra 'não' pela primeira vez quando chegam à escola" —, identifica facilmente os casos dos alunos pressionados em casa. "Têm um comportamento mais instável e na hora de receberem as avaliações dos testes ficam muito nervosos", partilha o professor. "As notas causam-lhes muita ansiedade. Têm medo da reação dos pais", que, por sua vez, muitas vezes não resistem a ir à escola questionar por que razão os filhos não tiveram melhores notas ou só conseguiram percentagens mais baixas que alguns colegas. "Não digo que seja a maioria dos casos", remata Fernando Glória, "mas acontece, e é pena que eles se preocupem mais com as avaliações do que com o processo de aprendizagem".

Meninos modelo. Para a psicóloga Marta Gautier, "é comum os pais terem dificuldade em aceitar que os filhos não são perfeitos". No fundo, as crianças são o retorno de que se socorrem para "acreditar que estão a fazer tudo bem". A especialista, que escreveu o livro "Não há famílias perfeitas", vai mais longe: "Neste relação de espelho que acaba por ser esta dos pais com os filhos, é como se o pai ou a mãe resolvessem problemas seus, da sua infância, através deles. 'Se fores perfeito ou melhor que eu, colmatas certas dificuldades minhas e eu já não preciso olhar para dentro de mim. Tu curas-me'. Pode não haver esta consciência, mas isto acontece."

É pelo facto de "verem os filhos como prolongamento de si próprios e não como seres individuais", como diz também Marta Gau-



É comum os pais terem dificuldade em aceitar que os filhos não são perfeitos. Eles apoiam-se nisso para acreditar que estão a fazer tudo bem

tier, que projetam neles as suas próprias ambições. Outro palco onde o excesso de expectativas sobre os miúdos se manifesta é no mundo desportivo. Muitos pais querem campeões com o seu apelido e sonham com medalhas ou botas de ouro que façam subir as bandeiras na proporção do seu orgulho. Centrados nos resultados, quase se esquecem de valorizar o desporto pelas vantagens da sua prática.

Rui Gomes, investigador do Instituto de Psicologia da Universidade do Minho e autor de alguns trabalhos no âmbito da relação entre pais e filhos no desporto, reconhece que "a pressão parental e o receio por parte dos atletas acerca das avaliações negativas, tanto de pais como treinadores" pode acabar por conduzir ao abandono da prática desportiva. "À medida que o investimento familiar aumenta", escreveu num dos seus trabalhos o professor universitário, "o jovem sente-se mais saturado e esgotado e vê-se 'prisioneiro' no papel de atleta", até, eventualmente, acabar por desistir.

É uma relação de forças que começa ainda antes. Ao tentar perceber como os pais e os jovens percecionam o seu papel nesta en-
grenagem, Rui Gomes concluiu que é co-

mum os filhos fazerem desporto, não tanto por vontade própria, mas por pressão dos pais, que os estimulam por ser saudável, necessário, etc. A questão centra-se depois na forma como a coisa passa a ser vivida. É a maneira como os pais reagem à prestação desportiva dos filhos que condiciona o seu impacto neles, diz o docente, e por sua vez "essa reação varia em virtude da visibilidade social da própria modalidade", sendo certo que pais "demasiado focados nos resultados geram um impacto negativo muito maior".

Paulo Bona nunca refletiu cientificamente sobre o assunto, mas sabe-o bem, por experiência própria. Depois de aos 7 anos o filho ter sido selecionado para jogar no Benfica e de aí continuar até hoje, já com 13, Paulo habituou-se aos "excessos" de muitos pais e aos seus comportamentos pouco didáticos. "Em 80 por cento dos casos são uma influência muito negativa", desabafa. "Estão lá sempre caídos, dizem mal de um e de outro, até dos próprios filhos, prometem-lhes prendas se jogarem em certos torneios... Muitos desses pais nem se falam."

Não é esta a sua atitude, garante. O Duarte gostou sempre de futebol e, com a naturalidade com que o levou ao Benfica quando lhe chamaram a atenção para as qualidades do rebento, Paulo espera encarar a sua saída do clube se assim tiver de ser. Além de mais, Duarte é aluno de quadro de honra, disciplinado por natureza, reconhece o pai, e um jovem consciente de que "se o futebol não der, não é o fim do mundo". "Seja como for", acrescenta, "o Cristiano Ronaldo e o Ricardo Quaresma não tiveram propriamente os pais à volta deles nos treinos para se fazerem os jogadores que se fizeram. Quem sou eu para exigir resultados ao meu filho?"

Não é um universo fácil de desmontar, adianta Rui Gomes, até pela "dificuldade de os pais olharem para o seu comportamento como estando a exercer pressão ou a prejudicar os filhos". Nem é linear que os miúdos interpretem certas manifestações como tal, diz o professor universitário, embora recorde casos bem sintomáticos de pressão parental: "Recordo o caso de uma atleta que, já desmotivada em relação à modalidade e com vontade de abandonar, me dizia que não podia desistir porque era a sua vida desportiva que unia a família e, sem isso, os pais divorciar-se-iam. Outro exemplo aconteceu-me ao ver certo jogo, onde um miúdo com 12 ou 13 anos esteve extraordinário à baliza. Durante a partida reparei num indivíduo que se manteve muito irritado. Chamava nomes ao árbitro e ralhava a torto e a direito. Percebi no final que era o pai do tal rapaz. Achei incrível como é que aquele homem conseguiu olhar para o jogo assim, sem ter ficado contente pelo filho e sem se ter divertido, simplesmente." ■

ngaribao@expresso.impressao.pt

10 erros a não cometer

ANSIEDADE, bloqueios, desconcentração, tendência a isolar-se ou, no outro extremo, irritabilidade extrema, comportamento revoltado, gritos frequentes. Os especialistas não têm dúvidas. Quando a pressão é demasiada, as crianças podem não se queixar por palavras, mas dão sinais que traduzem o seu mal-estar. É uma questão de estar atento, por mais que "os pais que mais pressionam tendam a ser os que menos o consigam fazer", admite a

psicóloga clínica Alexandra dos Santos. Qualquer alteração em relação ao padrão é de valorizar. "Se uma criança deixa de ter prazer em fazer algo de que antes gostava, é de desconfiar sempre", ressalva a psicóloga. Alguns conselhos:

1. Proteger não é controlar. Os filhos precisam de espaço para se mostrarem como são, no que têm de bom e de mau.

2. Perante uma má nota, resista a ralhar ou a culpar à partida o

seu filho ou o professor. Não o encare como o fim do mundo, ajude-o a perceber o que pode ter corrido mal.

3. Procure a escola e tente perceber como é que o seu filho aí é visto.

4. O tempo é um conceito a que a criança é alheia, considera a psicóloga Maria João Santos. Os pais devem ajudá-la a organizar-se e procurar familiarizá-la com métodos de estudo, mas respeitando os seus ritmos.

5. Promover a autonomia dos filhos no que diz respeito aos trabalhos de casa. Apolar não é substituí-los nas suas responsabilidades.

6. Converse em vez de exigir.

7. Resista a ser um pai demasiado presente. "Se lhes diz constantemente 'faz isto, vai ao baloiço, escolhe este livro...' a criança julgará que os pais não acreditam na sua capacidade para decidir", afirma a psicóloga Marta Gautier, "o que lhes pode afetar a autoestima".

8. Nas competições desportivas, nunca perca as estribeiras. O mais importante deve ser sempre a valorização da prática desportiva, não os resultados, e o seu comportamento é importante.

9. Proteja os seus filhos das brigas conjugais e de detalhes financeiros. Se é preciso, explique-lhes que é preciso gastar menos, mas não entre em detalhes que os ultrapassam.

10. Saiba ouvir. Pode ser a melhor forma de aprender a conhecer o seu filho.

"Estou farto de te dizer: os grandes pianistas não se fazem com uma hora de treino por dia! Tens de trabalhar mais!"

"Eu aqui no dó ré mi, dó ré mi e as minhas amigas lá fora a brincar. Estou cansada de tanto piano"

